

14 de maio de 1958

Seminário da quarta-feira de 14 de maio de 1958

FORDERUNG para *Demanda**BEGEHREN* para *Desejo**BEDURFINIS* para *Necessidade*

Wünsch para *desejo do sonho* diferente, porque o discurso do sonho é um discurso significante nesta dialética.

Vamos tentar continuar a avançar no encaminhamento onde, vocês vêem, o falo desempenha um papel absolutamente essencial, na medida em que nos leva a observar melhor o que é dito na análise, a entender melhor o que é proferido nela, e a maneira pela qual se usa a noção de objeto.

Devem sentir que devemos ao mesmo tempo, normalmente, nos aproximar, centrar nossa atenção sobre a função efetiva que tem esta relação de objeto na prática analítica presente e que, ao mesmo tempo, ao centrarem a maneira pela qual dela se servem os serviços que isso presta. Tentem uma articulação mais elaborada daquilo que, em suma, designamos de maneira simplesmente precisa ao falarmos do falo, que nos permita também criticar este uso da relação de objeto.

Se tomarmos um relatório que adquiriu seu valor histórico com o tempo, e aquele que foi publicado na *Revista Francesa de Psicanálise*, sobre o *eu [m]* da neurose obsessiva, título totalmente inadequado, porque na realidade não se trata da relação de objeto no obsessivo. Isso talvez fosse uma coisa a ser explorada, tomarmos uma idéia disso, saber por que o autor quis falar do *eu [m]* na neurose obsessiva em seu título, pois na verdade, não há nada verdadeiramente dito sobre ele na neurose obsessiva, a não ser, que ele é fraco, que ele é forte. Sobre isso, o autor visou sobre uma coisa que ele entendia. Então, ficou numa atitude de prudência que só podemos considerar como louvável. Mas o que domina nesta relação na qual culminam dois artigos anteriores do mesmo autor, a saber, o primeiro, que é de dezembro de 1948, publicado em 1950 na *Revista Francesa de Psicanálise As Incidências terapêuticas da crise de consciência da influência do pênis na neurose obsessiva feminina*. Era seu primeiro relatório sobre a função do pênis na neurose obsessiva. Na primeira abordagem, é este frescor que dá seu valor muito importante a este artigo, na medida em que mostra como as coisas se degradaram em seguida, pois certamente, ao nível de uma experiência ainda nova, nesta inveja do pênis na neurose obsessiva feminina há algo que reflete a experiência recente muito interessante.

Em seguida há outro artigo publicado na *Revista Francesa de Psicanálise* (julho-setembro 1948) que é: *Da relação homossexual de transferência*. O terceiro artigo é um relatório sobre o *eu [m]* na neurose obsessiva.

Creio que são três coisas a serem lidas, pois não há muitos artigos escritos em francês sobre o assunto. Em suma, isso mostra bastante bem o nível ao qual chegaram as coisas sobre estes problemas. Por outro lado, relê-lo bem não pode deixar de produzir uma impressão geral que, de certa forma, dará um fundo ao que poderemos abordar da articulação exata daquilo que permite situar o valor e o alcance de uma terapêutica que assim está centrada. Pois afinal de contas, nesta relação de objeto que se articula em quadros sinópticos em que vemos a progressiva constituição do objeto nos sujeitos, percebe-se muito bem que há uma parte de falsa janela. Não creio que seja o objeto genital nem o objeto pré-genital que seja aí

14 de maio de 1958

algo muito significativo, nem importante, a não ser pela beleza dos ditos quadros sinópticos. Mas afinal de contas, o que faz o valor desta relação de objeto é aquilo que é seu pivô, é o que, em suma, introduziu na dialética analítica esta noção de objeto. É exatamente e antes de mais nada o que é chamado de objeto parcial, termo tomado de empréstimo ao vocabulário de Abraham, de maneira aliás nem de todo exata, pois é do amor parcial do objeto que Abraham falou, o que evidentemente não é exatamente idêntico, e já este deslizamento tem algo significativo.

Não precisa de um grande esforço para se reconhecer este objeto parcial, para identificá-lo a este falo de que estamos falando, de que devemos falar tanto mais facilmente que justamente temos dado a ele seu alcance. O que, pelo fato, nos livra de toda e qualquer espécie de constrangimento para usá-lo como um objeto privilegiado. Sabemos por que ele merece este privilégio, justamente na qualidade de significante. É justamente por causa deste extraordinário constrangimento de dar este privilégio a um órgão particular que os autores chegaram a não mais falar dele, quando, pelo contrário, ele está quase onipresente em toda a análise.

Efetivamente, verificarão, se lerem estes artigos, o uso absolutamente manifesto. É um fato enorme, de primeiro plano, que percorre todas estas páginas, que ele é considerado pelo psicanalista, não só pelo psicanalista em questão, mas por todos aqueles que o ouviam. Ele é considerado no nível do fantasma, ou seja, que podemos dizer que na perspectiva do autor do qual acabei de citar estes três artigos, a cura de sua neurose obsessiva gira toda em torno de uma incorporação - são os termos que o autor usa - ou de uma introjeção imaginária deste falo que aparece no diálogo analítico, se referindo a todos estes fantasmas sob a forma do falo atribuído ao analista.

Em suma, haveria aí duas fases: a primeira, onde os fantasmas de incorporação deste falo, de *devoração* deste falo fantasmático, teriam um caráter nitidamente agressivo, sádico, como se diz, ao mesmo tempo que sentido como horrível e perigoso. Mesmo este fantasma teria um valor revelador de algo que dependeria da própria posição do sujeito em relação àquilo que, na perspectiva da relação de objeto, se chama o objeto correspondente, o objeto constituinte de seu estágio, nomeadamente na ocasião de uma certa segunda fase do estágio sádico anal no qual se passaria de tendências fundamentais da destruição do objeto a algo que começaria a respeitar a autonomia deste objeto sob esta forma ao menos parcial.

Em suma, toda a dialética onde se situa o momento subjetivo, como diríamos aqui, onde se situa o paciente da neurose obsessiva, estaria, como nos explicam, suspensa de uma certa forma, à permanência de uma certa forma deste objeto parcial em torno do qual poderia se instituir um mundo que não estaria inteiramente destinado a uma destruição fundamental, em razão do estágio imediatamente subjacente ao equilíbrio precário onde teria chegado o obsessivo. O obsessivo é sempre representado como sempre pronto a se engajar numa destruição do mundo, posto que estas coisas não podem ser pensadas senão em termos de relação do sujeito a seu ambiente. Na perspectiva que é aquela em que se exprime o autor, é para a permanência deste objeto parcial, permanência esta que, evidentemente, necessita de toda edificação, toda uma construção que é justamente o que constitui a neurose obsessiva, que o obsessivo evitaria se afundar numa psicose sempre ameaçadora.

Isto certamente é considerado como a própria base do problema, pelo autor.

Não podemos deixar aí de objetar que, quaisquer que sejam os sintomas parapsicóticos, os sintomas, por exemplo, de despersonalização, de distúrbios do *eu* [*moi*], de sentimento de

14 de maio de 1958

estranheza, de escurecimento do mundo, sentimentos tocantes evidentemente à cor, e mesmo, talvez, à estrutura do *eu* [*moi*]. Apesar de tudo isso, não podemos deixar de observar que os casos de transição entre a obsessão e a psicose sempre existiram, mas sempre foram muito raros.

Os autores observaram durante muito tempo que, pelo contrário, havia efetivamente uma espécie de falsa esperança de incompatibilidade entre ambas as afecções, e, por outro lado, é quando se trata de uma verdadeira neurose obsessiva, é a coisa que menos se corre o risco numa psicanálise. Corre-se o risco de não curar o obsessivo, mas arriscar vê-lo afundar na psicose é verdadeiramente um risco que nos parece extraordinariamente fantástico, pois é extremamente raro. O obsessivo, quer seja durante uma análise, por uma razão qualquer, até durante uma intervenção terapêutica desagradável ou mesmo selvagem, que tenha afundado na psicose, é muito, muito, muito raro. Pessoalmente, nunca vi isso em minha prática, graças a Deus. Também nunca tive impressão que fosse um risco que corresse com aqueles pacientes.

Deve haver algo numa tal apreciação que deve mostrar um pouco mais que a experiência clínica.

Esta necessidade da coerência da teoria que arrasta o autor mais longe que ele quer, é muito provavelmente algo que vai mais longe, uma certa posição dele mesmo frente ao obsessivo que então não deixa de abrir problemas sobre o que se pode chamar, não, evidentemente, de uma pessoa particular. Não se trata aí da contra-transferência no sentido das coisas, mas da contra-transferência no sentido mais geral em que se pode considerá-la como constituída pelo que eu chamo freqüentemente de os preconceitos do analista. Em outras palavras, o fundo das coisas ditas ou não ditas pelas quais seu discurso se articula.

Para começar a situar o que pode representar uma prática que é levada a colocar todo seu pivô na terapêutica particular da neurose obsessiva em torno deste fantasma de incorporação imaginária do falo, do falo do analista, mostrando, é verdade, um pouco misteriosamente, pois não se vê bem em que momento, nem porque se opera o desabamento, a não ser pelo que se pode supor ser uma espécie de efeito de desgaste, de aceitação de algo pelo sujeito, pois há um momento, dizem, onde por causa de um de insistência de tratamento, de sua presença de tratamento, a incorporação deste fantasma é algo que para o sujeito parece ter um valor fálico.

Valor completamente diferente é a introdução nele de algo que repentinamente é de outra natureza, que parece ter sido a incorporação de um objeto perigoso, de certa forma repellido nos fantasmas, que se torna o objeto acolhido, um objeto fonte de poder-fonte, é preciso dizê-lo, esta palavra está no texto, não fui eu quem fez as comparações e as metáforas.

Esta espécie de introjeção que se torna conservadora não tem traços comuns na comunhão religiosa? Dizem, à página 172, ao menos na neurose obsessiva onde se engole sem mastigar, acrescentam, posto que é para comentar estes sentimentos de felicidade neste fantasma que não comportava destruição alguma semelhante, nisso, às fantasias de sucção e de melancolia, de Abraham. Esta espécie de introjeção que poderia ser qualificada de passiva parece conservar melhor o nome de conservadora. *Não tem da traços comuns com a comunhão religiosa onde se engole sem mastigar?*

Não são traços escolhidos, diria, de maneira tendenciosa. Melancolia de Abraham. É em torno de algo que sentimos ocorrer, em torno de uma espécie de prática ou de ascese,

14 de maio de 1958

atuando principalmente sobre os fantasmas, que provavelmente com uma dosagem, com barreiras, com uma dosagem, com etapas, com toda a precaução que a técnica comporta, vemos este algo se realizar, que permitirá ao sujeito da neurose obsessiva tomar relações das quais, afinal, vemos mal o que delas se deseja, mas que com certeza concernem ao que se chama a distância tomada em relação ao objeto. Em suma, se eu entender bem, no plano fantasmático, se trata para o sujeito, de se aproximar mais, de passar por uma fase em que esta distância esteja anulada, para provavelmente ser, pelo menos devemos esperá-lo, reconquistada depois; esta distância perto de um objeto que sucessivamente concentrou sobre si todas as potências do medo, do perigo, para se tornar depois o símbolo por onde se estabelece uma relação libidinal que se considera como mais moral, que se qualifica de genital.

Na verdade, talvez fiquemos, quando estamos numa certa perspectiva, nomeadamente a nossa, um pouco mais severos que o autor, para nos aplaudir por chegarmos ao destino, quando se trata de uma doente mulher, por havermos recolhido dela, após um certo número de meses de tratamento, a declaração seguinte (p. 164) : *Ora, da me dizia isto Tive uma experiência extraordinária. A de poder gozar da felicidade de meu marido. Fiquei extremamente emocionada ao contatar sua alegria e seu prazer com o meu.*

Peço que pesem estes termos. Certamente não são sem valor. Descrevem muito bem uma espécie de experiência que, devo dizer, não implica absolutamente nenhuma suspensão da frigidez anterior da dita paciente, experiência extraordinária de poder gozar da felicidade de seu marido, é uma sorte freqüentemente constatada, mas nem por isso significa que a doente de maneira alguma tenha chegado ao orgasmo. Na verdade, dizem, a doente permaneceu meio frígida. E por isso, fica-se talvez um pouco surpreso que se acrescente imediatamente depois: *Isto não é caracterizar o melhor possível as relações genitais adultas?*

Esta noção de relações genitais adultas é o que dá a esta perspectiva tudo o que chamo de a construção de falsas janelas na relação genital adulta. Na verdade não se entende bem o que isso quer dizer quando se olha isso de mais perto. Vimos que assim que os autores tentam explicar isso, não parece que encontrem a simplicidade nem a unidade que isso parece implicar.

Quanto à afirmação da coerência de *ai [m]*, ela participa não somente do desaparecimento da sintomatologia obsessiva e dos fenômenos de despersonalização, mas também ainda se produz pelo acesso a um sentimento de liberdade da unidade que é uma experiência nova para estes sujeitos.

Estas aproximações otimistas talvez também não sejam, completamente, algo que, pelo menos para nós, corresponda à nossa experiência daquilo que representa realmente um progresso e uma cura na neurose obsessiva.

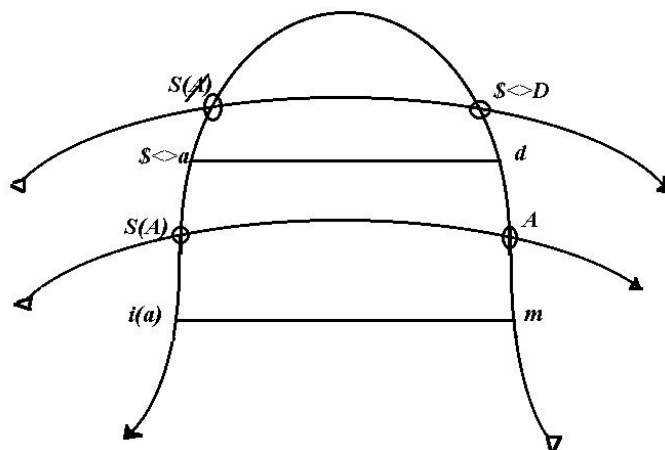
Isto dito, vemos bem como a que montanha, a que muralha de preconceito chegamos, quando se trata de situar em algum lugar, de apreciar o que é uma construção, uma estrutura obsessiva, a maneira pela qual ela é vivida e a maneira pela qual ela evolui.

Aqui tentamos articular as coisas num registro totalmente diferente porque acreditamos não ser mais complicado que outros. Não acredito que se conseguem se familiarizar, contar o número de medidas que colocamos aqui em jogo, achem que finalmente isto dê muito mais coisas. Simplesmente isto está articulado de outra maneira, talvez de maneira menos multilinear, e, evidentemente, ainda que o desejo de ter assim um quadro sinóptico correspondendo ou opondo-se ao da Sra. Brunswick, esteja no fundo do coração de muitos

14 de maio de 1958

ouvintes. Talvez consigamos isso, um dia. Mas antes de alcançar isso talvez fosse conveniente progredir passo a passo e ver o que se quer dizer quando se pensa que esta noção do objeto parcial, do falo, deve ser recriticada, para ser recolocada em causa. E, talvez, para ver também os perigos de um certo uso, que é o uso presente, deve ser colocada em seu lugar.

É este o lugar que tentamos articular com este pequeno esquema. Poderíamos cobrir tudo isso de signos e de equações, mas não quero lhes dar uma impressão de artifício, ainda que estas coisas sejam exatamente as coisas que tentei, que mais tentei reduzir até sua necessidade essencial.



Já colocamos aqui o grande **A** do grande Outro, onde se encontra o código e que acolhe a demanda, e, haja visto que é na passagem, aqui, do grande **A** ao ponto onde está a mensagem que se produz o significado do Outro, após o que a necessidade aqui esboçada se encontra lá em estado de transformação nos diferentes níveis, se qualifica diferentemente, que, se tomarmos esta linha para ser a linha de realização do sujeito, se traduz por algo aqui que sempre mais ou menos resulta de uma identificação também, da passagem, afinal de contas, do sujeito nos desfiladeiros da demanda.

Sabemos que isto não basta para constituir um objeto satisfatório, um sujeito que se sustente sobre o número de pontos de apoio que necessita, digamos, quatro, e quem sabe? É justamente neste além da demanda que se articula um Já tentamos na última vez defini-lo, qualificando-o de do desejo, em seu lugar topológico onde é bem formalmente assim que o apresentei, onde de alguma forma há uma necessidade ligada a esta topologia, ao fato que é no campo do além da demanda que vem se situar, e ao mesmo tempo se articular necessariamente, sofrer esta articulação particular a este além, o desejo sexual.

Em suma, há aqui uma coincidência entre o lugar onde a pulsão sexual pode encontrar um lugar. A tendência como tal e a necessidade estrutural que a destina a estar neste lugar no além da demanda. É em suma na medida em que intervém este algo, que no conjunto dos significantes ao qual vem se sobrepor para assim fazer um significado, isto é, que habitualmente colocamos acima da barra de nossa articulação, grande **S** sobre *pequeno a*, aqui o significado que é em primeiro lugar, um *assignificado* [assignifié].

O falo é, pois, este significante particular que está no corpo dos significantes, que é especializado em designar como tal o conjunto dos efeitos do significante sobre o significado, isto é, na medida em que são efeitos de significante sobre o significado.

14 de maio de 1958

Isso vai longe, e não há como ir menos longe para dar sua significação ao falo, a saber, este algo que faz com que ocupe aqui este lugar privilegiado naquilo que vai ocorrer como tal de significante, neste além que aqui se chama o além do desejo. Isto é, todo o campo que está além do campo da demanda.

Na medida em que é simbolizado este além do desejo, é aí, e é na medida em que é assim que veremos a possibilidade - é uma simples articulação do sentido daquilo que dizemos, a possibilidade que haja uma relação do sujeito à demanda como tal - pois é evidente que, para que haja uma relação do sujeito à demanda, ele não deve estar completamente incluído até o momento em que este além se constitui, se tanto é que, por hipótese, ele se constitua articulando-se graças ao significante falo. É nesse momento que aqui, além do puro e simples outro que até agora faz toda a lei da constituição do sujeito na existência simplesmente de seu corpo, pelo fato que a mãe é um ser falante, o fato de que ela seja um ser falante é uma coisa absolutamente essencial, o que quer seja o que pense o analista Não há somente pequenos esfrega-esfrega, os cuidados com água de Colônia a serem dados ao neném para constituir uma relação à mãe. É preciso que a mãe fale a ele, todo mundo sabe disto. Não somente é preciso que a mãe fale a ele, mas todo mundo sabe que a criança tem uma relação toda particular, e que uma babá muda não deixaria de acarretar algumas conseqüências bastante visíveis no desenvolvimento do neném.

Além deste outro, há aí algo que se constitui do significante que se chama o além do desejo. Temos a possibilidade desta relação **S**, isto é, o sujeito como tal, um sujeito menos completo, isto é, ele está barrado. Isso quer dizer que um sujeito humano completo nunca é um puro e simples sujeito, como toda a filosofia o constrói, sujeito do conhecimento, respondendo efetivamente a este *perápiens* deste *perceptum* que é o mundo. Sabemos que não há sujeito humano que seja puro sujeito do conhecimento, a não ser o sujeito humano na medida em que o reduzimos ao que quer seja que se pareça com uma célula fotoelétrica ou um olho, ou ainda com o que em filosofia se chama uma consciência. Mas, como somos analistas, sabemos que há sempre uma *Spaltung* isto é, que há sempre duas linhas onde ele se constitui, e por sinal, é por isso que nascem todos os problemas de estrutura que são os nossos.

Aqui, o que deve se constituir? É precisamente o que chamei, não mais o significado de **A**, mas o significante de **A, (S(A))**, na medida em que ele conhece esta *Spaltung* que ele mesmo é estruturado por esta *Spaltung*. Em outras palavras, na medida em que ele, *a* já sofreu os efeitos desta *Spaltung*. Aqui, isso se inverte, isso quer dizer: já está marcado por este efeito de significante que está significado pelo significante falo. É o **A**, pois, se quiserem, na medida em que o falo está aí barrado, levado ao estado de significante. É o outro enquanto castrado que aqui se representa, no lugar da mensagem, a mensagem do desejo é isso.

A mensagem do desejo é isso. Isso não quer dizer que seja facilmente recebido, porque justamente todo o problema de dificuldade de articulação de desejo faz com que haja um inconsciente. Em outras palavras, de fato, o que se apresenta aqui como estando no nível superior, se assim se pode dizer, do esquema, é, pelo contrário, ordinariamente algo que devemos imaginar como estando no nível inferior, não estando articulado na consciência do sujeito, ainda que esteja muito bem articulado em seu inconsciente, e é mesmo porque está articulado em seu inconsciente que é até um certo ponto - trata-se justamente de saber qual, é a pergunta que nos fazemos aqui - articulável na consciência do sujeito.

14 de maio de 1958

O que a histérica da qual falamos na última vez nos mostra? A histérica evidentemente não é psicanalisada, senão não seria mais histérica, por hipótese. Dissemos que a histérica coloca este além, ela o situa sob a forma de um desejo, na qualidade de desejo do outro.

Para fixar as idéias, justificarei isso mais um pouco, mais tarde. Mas desde já, porque é necessário, se se tentar articulá-lo algo, começar por articular, por comentá-lo, lhes direi que as coisas acontecem assim: que, da mesma forma que no primeiro aro, o sujeito, pela manifestação da necessidade, de sua tensão, faz transpor esta via da primeira linha significativa da demanda, da mesma forma podemos, para *topologizar* as coisas, colocar a relação que é a do *eu* [m] à imagem do outro como tal, e da mesma forma, é aqui, isto é, na medida em que o que no *Outro* como tal, como grande *O*, não no *outro* como pequeno *o* no *outro imaginário*, o que no *Outro* enquanto grande *O*, permite ao sujeito abordar este além significado que é precisamente o campo que estamos explorando, o seu desejo, este pequeno *d* do desejo ocupa o mesmo lugar que o pequeno *a* ocupa em relação ao sujeito, o que exprime simplesmente que é precisamente neste lugar em que o sujeito procurou articular seu desejo, que encontrará o desejo do outro como tal, e o que exprimimos é justamente isto, que está fundamentado sobre a experiência e que desde há muito articulei para vocês sob outras formas, mas também sob esta, que o desejo de que se trata, nomeadamente *o desejo em sua função inconsciente, é o desejo do outro*

E o vimos, na última vez, quando falamos da histérica, a propósito do sonho. Não são sonhos escolhidos, bem como não lhes dou textos escolhidos de Freud. Eu lhes asseguro se comessem a ler Freud, como parece que esteja começando a acontecer, não poderia aconselhar-lhes bastante a lê-lo completamente, para que não toquem sobre textos, sobre passagem, trechos que talvez não sejam escolhidos mas que certamente serão fontes de erros, e até de falsos reconhecimentos, se não souberem em que lugar se situa tal ou tal texto, em, não direi o desenvolvimento de um pensamento, ainda que seja, propriamente falando, o que convém dizer. Mas desde tanto tempo que se fala do pensamento, é um termo tão badalado que nunca se sabe muito bem de que se está falando. Não basta falar do pensamento para que se possa dizer que se trata mesmo de algo. É mesmo o desenvolvimento de uma pesquisa, do esforço de alguém que tem uma idéia de seu rumo magnético, por assim dizer, e que não pode atingi-lo a não ser por um certo desvio, e é pelo conjunto do caminho percorrido que se deve julgar cada um destes desvios.

Não escolhi, pois, os dois sonhos da última vez, da histérica, sem critério. E expliquei como os havia tomado. Tomei o primeiro sonho porque o encontrei após os outros sonhos e expliquei as razões pelas quais não os havia tomado primeiro. Voltarei a isso. É porque o sonho da monografia botânica pode ser algo que nos ajude a entender o que se trata de demonstrar, que é um sonho de Freud que deveremos explicar mais tarde.

Prossigo primeiro a articulação do sonho da histérica. O que ela nos mostrou é que ela encontra, por assim dizer, seu ponto de apoio - não são termos reservados para mim, se lerem o Sr. Copter concernente à neurose obsessiva, verão que ele usa exatamente o mesmo termo para dizer que parece que, quando se retirou a obsessão dos neuróticos obsessivos, falta-lhes, por exemplo, um ponto de apoio. Vocês vêem que o uso que fiz dos termos é um uso que tenho em comum com os outros autores, isto é, tentamos metaforizar nossa experiência, nossas pequenas impressões - a histérica toma seu ponto de apoio num desejo que é o desejo do outro, dissemos. Esta criação de um desejo além da demanda é essencial. É algo que, acho, temos suficientemente articulado.

14 de maio de 1958

Pode-se mencionar aqui um terceiro sonho que não tive tempo de abordar na última vez, mas que posso ler para vocês agora.

Ela coloca uma vela num castiçal. A vela está quebrada, e não se sustenta bem. As meninas da escola dizem que ela é desajetada, mas a professora diz que a culpa não é dela.

Neste caso também, eis como Freud relaciona este sonho com os fatos reais:

Ontem, ela efetivamente colocou uma vela no castiçal, mas ela não estava quebrada. Isso é simbólico. Na verdade sabe-se o que significa a vela: se estiver quebrada, se não sustenta bem, isto indica a impotência do homem.

E Freud sublinha:

A culpa não é minha. Como esta jovem mulher, educada com cuidado, longe das coisas feias, pode conhecer este emprego da vela? Aí, sabemos que quando de um passeio de canoa, ouviu uma canção de estudantes muito inconveniente, concernente ao uso que a rainha da Suécia fazia, a persianas fechadas, das velas de Apolo. Ela não entendeu a última expressão da canção. Seu marido lhe explicou, evidentemente, à persianas fechadas, as velas de Apolo, e tudo isso se reencontra no momento apropriado.

O importante é que aqui vemos em estado nu e isolado, em estado de objeto parcial, senão voador, o significante falo, e o ponto importante, evidentemente, é que não sabemos em que momento da análise desta doente - pois é uma doente certamente em análise - o sujeito deste sonho foi extraído. O ponto importante aqui evidentemente é *a culpa não é dela*.

O *a culpa não é dela* é o fato que está no nível dos outros. É diante de todos os outros, é em função da professora que todas as pequenas colegas da escola não mangam mais. O símbolo é evocado, e é aí que quero chegar, o que cruza e confirma, pode-se dizer, o que já estava no sonho dito da bela açougueira, a saber, que se deve enfatizar o fato que, para a histérica, e a histeria em suma é um modo de constituição do sujeito concernente precisamente a seu desejo sexual, é o modo sobre o qual ele adotou o que deve ser enfatizado no caso da histérica. É a dimensão, evidentemente, do desejo na medida em que se opõe à da demanda. Mas é primeiro e sobretudo, particularmente, no termo desejo do *Outro* com um grande *O*, a posição, o lugar no outro que deve ser sublinhado.

Lembrei-lhes como Dora vive até o momento em que sua posição de histérica se descompensa. Ela está muito à vontade, com exceção de alguns pequenos sintomas, mas que são justamente aqueles que a constituem como histérica, e que se ligam na relação da distinção, à *Spaltung* destas duas linhas. Voltaremos sobre a maneira pela qual podemos articular a sobredeterminação do sintoma. Está ligada à existência das duas linhas significantes como tais. Mas o que mostramos outro dia é o que Dora queria, é que, em suma, ela subsistisse como sujeito na medida em que ela pede o amor, provavelmente como toda e qualquer boa histérica, mas que ela sustentasse o desejo do outro como tal. É ela que o sustenta, é ela que é seu apoio. As coisas vão muito bem contanto que, para que as coisas se encontrem entre seu pai e a denominada Sra. K., ocorram o mais simplesmente possível, o mais felizmente, e sem que ninguém se preocupe com isso, o termo que ela sustenta, o desejo do Outro é aqui o termo que melhor convém ao estilo de sua ação e de sua posição em relação a seu pai, à Sra. K., e é aí que lhes indiquei uma coisa: é na medida em que ela se encontra se identificando ao Sr. K., que toda a pequena construção é possível. É numa certa relação ao outro, então imaginário, como tal; é na medida em que frente a este desejo, ela o sustenta neste lugar, a saber, neste lugar que lhe corresponde.

14 de maio de 1958

Têm visto que aqui se desenha um pequeno quadrado cujos quatro ângulos estão representados por *ai* [*ma*], imagem do outro, relação do sujeito então constituído ao outro imaginário como tal, e aqui desejo. Nós temos então os quatro pés sobre os quais encontramos normalmente um sujeito humano constituído como tal, isto é, que não está nem mais nem menos avisado do mecanismo e das vísceras puxando os cordões do boneco de um outro lá onde ele vê, isto é, onde é capaz, quase capaz, de se orientar nesta composição essencial.

É aqui, e neste nível frente ao desejo do outro, aliás o mostrei na última vez, sem que por isso as coisas fossem além, pois afinal de contas se pode dizer que no histérico a linha de retorno estava mais apagada. É por isso que o histérico tem toda espécie de dificuldades com seu imaginário, aqui representado na imagem do outro, e suscetível de ver se produzirem efeitos de fragmentação, de desintegrações diversas, que são, propriamente falando, o que lhe serve com seus sintomas. Lembro simplesmente isto no nível do histérico. Como vamos poder articular o que ocorre no nível do obsessivo? Quero dizer, numa estrutura obsessiva?

A teoria clássica lhes diz o que ela articula em Freud, e o que ela articula em Freud, na última palavra de Freud sobre a neurose obsessiva, é nitidamente um pouco mais complicado que a neurose histérica, mas não muito mais. Se se conseguir apontar as coisas sobre o essencial, se pode articulá-lo, mas se não apontar as coisas sobre o essencial, o que certamente é o caso do autor do qual falei há pouco, perde-se naquilo, literalmente, a saber, que nada-se entre o sádico, o anal, o objeto parcial, a incorporação, a distância do objeto. Não se sabe mais, literalmente, a quem recorrer, para se saber onde se está. Ora, é extremamente diverso, clinicamente, como o autor o mostra, nas observações que parecem mesmo quase impossível estarem reunidas numa mesma rubrica clínica, sem o nome de Fulano e de Beltrano, sem contar as Fulanas e as Sicranas que estão atrás. Mas quero dizer que sem o material clínico do autor, no nível do relatório sobre o *ai* [*ma*], há tão somente Fulano e Beltrano; Fulano e Beltrano são manifestamente sujeitos totalmente diferentes do ponto de vista da textura de um único objeto. Quase que não se pode colocá-los na mesma rubrica, o que evidentemente também não é em si uma objeção, posto que não estampa particularmente bem em estado de articular outras no momento, outras rubricas nosológicas.

É muito, muito surpreendente ver o quanto, após tanto tempo que estamos praticando manifestamente a clínica, se nos imporia isso, haja visto a diversidade dos aspectos que se nos apresenta. Lembra-se em Aristóteles daquilo que se chama a justa passagem da faca do cozinheiro, do bom cozinheiro, aquele que tinha se cortado nas articulações. No estado atual das coisas, ninguém, particularmente aqueles que se ocuparam com a neurose obsessiva, é capaz de articulá-la convenientemente. É um bom indício de certas carências teóricas.

Retomemos as coisas onde paramos.

O que ele, o obsessivo, faz para consistir na qualidade de sujeito? Ele é igualmente como o histérico, e, como se pode imaginar, não há relação tão profunda entre o histérico e a neurose obsessiva, que já, antes de qualquer espécie de elaboração séria, a saber, antes de Freud, um senhor Janet pôde fazer esta espécie de trabalho muito curioso de superposição geométrica, por assim dizer, de correspondência ponto por ponto, de imagens chamadas

14 de maio de 1958

em geometria, creio, de transformações de figuras, que faz com que o obsessivo seja verdadeiramente concebido como algo que é a figura de um histérico, se pode-se dizer isso. O obsessivo está também orientado para o desejo, evidentemente. Se não se tratasse em tudo isto, em tudo e antes de tudo, do desejo, não haveria espécie alguma de homogeneidade nas neuroses.

Mas eis a teoria clássica, a de Freud, a última articulação de Freud. O que ele nos diz? Que a neurose obsessiva - ele disse muitas coisas no decurso de sua carreira, ele primeiro avistou aquilo que pode ser chamado de o traumatismo primitivo, que se opõe ao traumatismo primitivo do histérico. No histérico, é uma sedução súbita, uma intrusão, uma irrupção do sexual na vida do sujeito. Ele reconheceu perfeitamente que na medida em que este traumatismo psíquico suporta a crítica da reconstrução, se trata, pelo contrário, de algo onde o sujeito teve um papel ativo, dizia, onde ele encontrou prazer.

Isso era a primeira aproximação. Em seguida, há todo o desenvolvimento em *O Homem dos Ratos*, a saber, a aparição da extrema complexidade das relações afetivas no obsessivo e nomeadamente a colocação, o apontamento da ênfase sobre a ambivalência afetiva, sobre a oposição fundamental ativa-passiva, masculino-feminino, e a coisa mais importante, o antagonismo ódio-amor. Aliás é preciso reler *O Homem dos Ratos* como a Bíblia. *O Homem dos Ratos* ainda está rico de tudo quanto ainda está para ser dito sobre a neurose obsessiva. É um tema de trabalho.

Aonde afinal, Freud chegou como fórmula metapsicológica última? É que, diz ele, naquele momento houve as experiências clínicas e a elaboração metapsicológica que fizeram subir à tona as tendências agressivas e que já levaram Freud a fazer esta distinção fundamental dos instintos de vida e dos instintos de morte, que não terminaram de atormentar os analistas.

O que Freud nos diz é que houve fusões, intrincações precoces dos instintos de vida e dos instintos de morte. Em outras palavras, que o desligamento como tal das tendências como tais, se fez num estágio demasiadamente precoce no obsessivo, para não ter marcado todo o prosseguimento de seu desenvolvimento, a saber, de sua instalação em sua subjetividade particular a ele, o obsessivo.

Como isto vai se inserir nesta dialética? Muito mais imediatamente, corretamente, sensivelmente, ao que me parece. Estes termos de demanda e de desejo, se começarem a encontrar sua lógica nos miolos de vocês, vocês encontrarão um uso quotidiano para eles, para sua prática analítica, totalmente utilizável. Quero dizer que vocês podem fazer deles algo utilizável antes que isso esteja gasto¹, mas vocês, voltarão sempre à pergunta se se trata do desejo e da demanda ou do desejo ou da demanda.

O que quer dizer aqui o que acabamos de lembrar concernente, em suma, aos instintos de destruição, isto é, algo que se manifesta na experiência, numa experiência que deve ser tomada primeiro no nível vulgar, comum, daquilo que conhecemos do obsessivo, mas nem mesmo dos obsessivos que simplesmente, como psicólogos avisados, somos capazes de ver viverem, e julgar as incidências de seu comportamento?

É muito certo que o obsessivo tende a destruir seu objeto. É quase uma verdade de experiência. Trata-se simplesmente de não se satisfazer com isso, de ver o que é esta atividade destruidora do obsessivo.

¹ Há aí um jogo de palavras entre utilizável, *dúsué* e usado, gasto, *usé*

14 de maio de 1958

Eis o que lhes proponho considerarem, que a diferença da histérica, como mostra muito bem a experiência, que vive toda, inteira, totalmente no nível do outro, a ênfase, para ela, é viver no nível do outro, e é por isso que ela precisa de um desejo do outro, pois senão, o que seria o outro, a não ser a lei? Mas é primeiro no nível do outro que se põe, por assim dizer, o centro de gravidade do movimento constitutivo do histérico.

Por motivos que não são absolutamente impossíveis de articular, e que são em suma, idênticos ao que diz Freud ao falar da precoce efusão e difusão dos instintos, é procurar a visada do desejo como tal, do além da demanda que é constitutiva do obsessivo.

Gostaria que tivessem um pouco de experiência de uma criança que vai se tornar um obsessivo. Creio que não há jovens sujeitos nos quais seja mais sensível o que tentei articular na última vez quando lhes representava que nesta margem, caso precise, forçosamente de alcance limitado, da mesma maneira que se diz uma sociedade com responsabilidade limitada, a necessidade é sempre algo de alcance limitado. Nesta margem da necessidade de caracteres incondicionados da demanda de amor se situa este algo que chamei de o desejo. E como eu o defini, este desejo como tal? Como algo que, justamente porque isso deve se situar no além, se assim puder dizer, o elemento de alteridade que está incluído na demanda do amor.

Mas para conservar este caráter incondicionado transformando-o em caráter de condição absoluta do desejo, no desejo como tal ao estado puro, o outro é negado, mas a necessidade, pelo fato de que o sujeito teve que transpor, conhecer este caráter último, limite do incondicionado da demanda de amor, eis que este caráter permanece transferido à necessidade como tal.

A jovem criança que se tornará um obsessivo, é aquela da qual os pais dizem *da tem idéias fixas* - eis uma convergência da língua usual com a linha dos psicólogos -. Ela não tem idéias mais extraordinárias que qualquer criança, pelo contrário, se nos determos, sobre o material de sua demanda, a saber, que ela pedirá uma caixinha. É muito pouca coisa, uma pequena caixa, e há muitas crianças das quais não se pensará nada se pedirem uma caixinha, exceto os analistas, evidentemente, que verão aí todo tipo de alusões finas. Na verdade, isso não estará errado, mas acho mais importante ver que há crianças entre todas as crianças que pedem caixinhas, para as quais os pais acham que esta exigência da caixinha é propriamente falando uma existência intolerável, e ela é intolerável.

Seria totalmente errado pensar que bastasse mandar os pais à escola dos pais para que sossegassem, porque, ao contrário do que se diz, os pais têm uma parte de responsabilidade. Quer dizer que não é por nada que se é um obsessivo. Para tal, é preciso ter um modelo, em algum lugar. De acordo. Mas no próprio acolhimento, o lado idéia fixa que os pais acusam é perfeitamente discernível, e sempre imediatamente discernido, mesmo por pessoas que não fazem parte do casal parental.

Na exigência muito peculiar que se manifesta pela maneira da criança pedir uma caixinha, o que há, propriamente falando, de intolerável, para o outro, na oportunidade, é isto, justamente, que as pessoas chamam de idéia fixa, isto é, não é uma demanda como as outras. Em outras palavras, isso tem um caráter de condição absoluta, aquele que designo como sendo o do desejo. E o obsessivo é justamente uma criança que, por motivos cuja correspondência com o que se chama na oportunidade, indicações, pulsões fortes nesta oportunidade, vocês vêem, o que vai ser o elemento do primeiro fundamento deste tripé que depois, para ficar de pé, deverá ter quatro: o acolhimento nele está colocado sobre o

14 de maio de 1958

desejo. Não só sobre o desejo, mas sobre o desejo como tal, isto é, que em sua constituição ele comporta esta destruição do outro. Está forjado incondicionado da necessidade, necessidade passada ao estado de condição absoluta, e justamente na medida em que está além desta exigência incondicionada do amor, do qual ocasionalmente pode ser submetido à prova, mas como ele é algo que pega o outro como tal, e isso é justamente o que torna isto tão intolerável, como o desejo da caixinha na criança.

Prestem bem atenção, porque devem entender que não digo a mesma coisa quando digo o desejo é a destruição do outro, e quando digo o histérico vai buscar seu desejo no desejo do outro.

Quando digo a histérica vai buscar seu desejo no desejo do outro, é o desejo que ela atribui ao outro como tal.

Quando digo o obsessivo faz passar seu desejo antes de tudo, isto quer dizer justamente que ele vai buscá-lo num além vivendo-o como tal em sua constituição do desejo, isto é, que enquanto tal ele destrói o outro. E isso é o segredo desta contradição profunda que há entre o obsessivo e seu desejo. É que assim visto, o desejo traz em si mesmo esta contradição interna que constitui o impasse do desejo do obsessivo e que os autores tentam traduzir quando falam deste perpétuo vai-e-vem de alguma forma instantâneos, outra introjeção e projeção.

Devo dizer que é algo extremamente difícil de se representar, sobretudo quando se tem suficientemente indicado como o autor o fez em certos lugares, até que ponto o mecanismo de introjeção e o mecanismo de projeção não têm relação alguma. Eu o articulei mais poderosamente que este autor, mas apesar de tudo, é preciso partir daí, a saber, que o mecanismo de projeção é imaginário e que o mecanismo de introjeção é um mecanismo simbólico. Isso não tem absolutamente relação alguma.

Em contrapartida, me parece que, podem concebê-lo, e afinal reencontrar na experiência, se virem bem seus obsessivos, que o obsessivo está habitado por desejos que são justamente todos os que vêm, à condição que façam um pequeno esforço, que vêm formigar numa espécie de extraordinária bicharia que, numa espécie de ambiente de cultura particularmente bem apropriado, se dirigirem para tal basta pouca coisa, basta terem os elementos de sua transferência de que falava há pouco - a cultura da neurose obsessiva na cultura do fantasma, verão a dita vermina proliferar em quase tudo quanto quiserem. É por isso que a cultura da neurose obsessiva não dura muito tempo.

Mas se procurarem saber o essencial, saber o que ocorre quando o obsessivo de vez em quando, fazendo de tripas coração, tenta transpor a barreira da demanda, isto é, sair à procura do objeto de seu desejo, primeiro ele não o encontra facilmente, mas há muitas coisas que podem servir de suporte para ele, posto que há a prática, nem que fosse uma caixinha, por exemplo.

É bem claro que é nesta via que lhe ocorrem os mais extraordinários acidentes, a saber, algo que se tenta motivar em níveis diversos, pela intervenção do *supereu* [*summa*] e de mil outras coisas que evidentemente existem.

Mas, muito mais radicalmente que tudo isso, o obsessivo, na medida em que seu movimento fundamental está dirigido para o desejo como tal e antes de mais nada em sua constituição de desejo, implica em todo e qualquer movimento em direção ao alcance deste desejo, o que chamamos a destruição do outro. Ora, é da natureza do desejo como tal

14 de maio de 1958

necessitar deste suporte do outro. Não é uma via de acesso ao desejo do sujeito, o desejo do outro. É o lugar, simplesmente, do desejo, e todo e qualquer movimento no obsessivo em direção a seu desejo colide com algo absolutamente tangível no, se puder dizer isso, movimento de sua libido. Quanto mais algo tem o papel, na psicologia de um obsessivo, do objeto, nem que fosse momentâneo, do desejo, tanto mais a lei de aproximação, se assim pode-se dizer, do obsessivo em relação a este objeto, estará condicionada por algo que se manifesta literalmente pelo que se pode chamar de uma verdadeira baixa de tensão libidinal, no momento em que ele se aproxima dele, o objeto, e ao ponto que, no momento em que ele o alcança, este objeto de seu desejo, nada existe mais dele.

Isto, vocês o verificarão. Isto é perfeitamente verificável.

Tentarei articulá-lo, mostrá-lo por meio de exemplos. O problema, para o obsessivo, é, pois, inteiramente, dar a este desejo que para ele condiciona esta destruição do outro, onde o próprio desejo chega a desaparecer, a única coisa que possa lhe dar esta aparência de apoio. É este ponto correspondente que a histérica, graças às suas identificações, ocupa tão facilmente, e nesta ocasião, porque justamente pelo fato de que não há Outro, o grande Outro aqui, digo, claro, na medida em que se trata do desejo, não digo que o grande Outro não existe para o obsessivo, digo que quando se trata de seu desejo, não há, e é por isso que ele está à procura da única coisa que possa manter em seu lugar este desejo como tal, fora deste ponto de referência. É algo que está em frente, que vem tomar este lugar, que é a outra fórmula de S em relação ao pequeno a , identificação do histérico, o que o substitui, é a função no obsessivo, é um objeto, e este objeto está sempre sob uma forma velada, sem dúvida, mas está sempre perfeitamente equivalente, identificável e redutível ao significante falo.

É com isso que devo determinar hoje. Verão em seguida o que isto comporta quanto ao comportamento do obsessivo frente a este objeto, e também, a seu comportamento frente ao pequeno outro. Verão, eu o mostrarei na próxima vez, como disso se deduzem um certo número de verdades muito mais corriqueiras, por exemplo, que o sujeito não pode verdadeiramente se opor a seu desejo a não ser opondo-se ao que se poderia chamar de uma virilidade absoluta, e por outro lado, na medida em que ele deve se opor a seu desejo, pois para ele isso é a exigência, ele não pode mostrá-lo senão alhures, senão lá onde está, e muito precisamente mostrá-lo em algo onde ele deve sobrepujar a façanha, quero dizer que o lado performance de toda a atividade do obsessivo é algo que encontra aí suas razões e seus motivos.